

AGRONEGÓCIO, PANDEMIAS E ALTERNATIVAS AGROECOLÓGICAS PARA O FIM DO MUNDO

Melissa Bittencourt Ibe (melissaibe@icloud.com)

Maria Gabriela Guillén Carias (mariacarias@ufgd.edu.br)

Katiuscia Moreno Galhera (katiusciagalhera@ufgd.edu.br)

O contexto histórico atual, que entrelaça o caos pandêmico ao capitalismo no seu limite absoluto, faz com que haja o objetivo de compreender e relacionar os impactos sociais (como o significativo aumento da insegurança alimentar, por exemplo), ecológicos (desmatamento, avanços sobre áreas de reserva, etc.) e na saúde pública (como o próprio coronavírus) causados pelo agronegócio. Essa causalidade se traz na perspectiva sul-mato-grossense, especialmente Dourados e região, desde seu desmembramento em 1977 até a atualidade, a partir da correlação com as teorias marxistas de acumulação primitiva, a obra do Rob Wallace "Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência" e dados obtidos do Movimento dos Trabalhados sem Terra (MST) e de empresas multinacionais do agronegócio. Os métodos utilizados para desenvolvimento da pesquisa foram revisões bibliográficas para estabelecer o relacionamento entre crises sanitárias epidêmicas com o agronegócio, e a possibilidade de alternativas agroecológicas e de agricultura camponesa, além da sistematização de dados a partir de relatórios anuais empresarias e fontes diversas (jornais, artigos e etc.). Foram coletados exemplos práticos que apontaram caminhos e a possibilidade de reestruturação do sistema agroalimentar, a pesquisa-ação "Comida de Verdade nas Escolas do Campo e da Cidade: Agroecologia e Alimentação Escolar" foi um projeto que contou com a inserção dos produtos da agricultura camponesa na alimentação escolar brasileira, critério de aquisição previstos no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), tendo como sistema de produção única e exclusivamente o agroecológico e orgânico. Mesmo junto a métodos tradicionais, é possível a transição para a agroecologia, que oferece princípios e metodologias para o planejamento de uma produção de alimentos de alto valor nutritivo e orgânico, sem veneno, que seja capaz de manter a produtividade da terra, de respeitar a natureza, e de ampliar a diversidade de alimentos saudáveis. Conclui-se que a redistribuição da terra concentrada nos latifúndios é o necessário para a reestruturação do sistema e para que exista mudanças positivas a longo prazo: todos esses elementos têm sido reivindicados pelos movimentos sociais do campo.

Agradecimentos a UFGD, Cnpq, FUNDECT e CAPES